

Edenio Valle (org.)

Ateísmos e irreligiosidades

Tendências e comportamentos



Apresentação

Nesta apresentação quero, antes de tudo, explicar aos leitores a maneira como este livro foi pensado e organizado. Ele nasceu de discussões que tiveram lugar entre os anos de 2014 e 2016, no grupo de pesquisa “Psicologia e ateísmos contemporâneos: peculiaridades”, do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da PUC de São Paulo. O grupo, credenciado pelo CNPq e pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP, é, em si, bem mais antigo. Teve início em 2006 e passou, sucessivamente, por três distintos momentos e temáticas psicológicas.¹ Acha-se agora em sua quarta fase de trabalho, cujo objetivo é o de situar, do ponto de vista da Ciência e da Psicologia da Religião, a problemática de fundo dos chamados “neo” ateísmos.

A escolha e a definição mais específica do tema e, consequentemente do projeto, não foi fácil, uma vez que não se tratava só de rever e atualizar os costumeiros ângulos (filosóficos, teológicos e sócio-históricos) que atravessaram os séculos, como também de mapear criticamente os questionamentos inéditos que têm brotado das formidáveis descobertas científicas dos últimos decênios. Já desde algum tempo, essas questões têm atraído a atenção de participantes diretos e indiretos do Programa de Ciência da Religião da PUC-SP e, mais especificamente, dos participantes do Grupo

¹ Os temas dessas fases foram os seguintes: a) na fase 1: Sexualidade e afetividade em seminaristas e presbíteros católicos; b) na fase 2: A representação psicológica de Deus em grupos selecionados de pessoas religiosas; c) na fase 3: Psicoterapia de presbíteros católicos: peculiaridades.

de Pesquisa sobre Psicologia e Religião: Peculiaridades² que preparou este livro. Como quase todos os participantes desse grupo são graduados e pós-graduados em Psicologia, com especializações e prática profissional em distintas áreas dessa ciência (como a clínica, a psicanalítica, a social, a da personalidade, a anomalística e a da religião), na definição do objeto específico sentiu-se a necessidade de ir além das abordagens usualmente discutidas a respeito dos ateísmos. Levantou-se, assim, no grupo a seguinte pergunta: há algo de realmente “novo” nas discussões psicossociais em torno das tendências que se constata nos talvez impropriamente chamados novos ateísmos? Que aproximação seria mais útil a essa pergunta desde o ponto de vista de um grupo interessado em Psicologia Social da Religião? Os participantes sentiram que eles próprios precisavam esclarecer melhor o seu entendimento do conceito de “novos” ateísmos e que, para tanto, deveriam eles mesmos lerem e discutirem preliminarmente alguns textos selecionados sobre tal assunto.³ Como psicólogos, suas informações se circunscreviam mais aos debates suscitados pelas Psicanálises e/ou pela crítica demolidora movida pelos famosos “mestres da suspeita”. Como alunos do Programa de Ciência da Religião, porém, todos haviam travado algum tipo de contato com autores pouco divulgados na Psicologia da Religião mais clássica, como, entre outros, Atran, 2002; Boyer, P., 2001; Gazzaniga, M. e Heatherton, T. F., 2005; Kirkpatrick, L. A., 2005; McNamara, P., 2006; Aletti, Fagnani e Rossi, 2006; Mithen, 2002; Ryle, 1949.

² QUEIROZ, J. J., 2006 e 2010; RIBEIRO, J. C., 2013; CRUZ, E. R., 2007, 2009 e 2015; SOARES, A. M. L., 2012; CAZAROTTO, J. L., 2013; MASSIH, E., 2013; DE FRANCO, C., 2014; DE FRANCO e PETRONIO, R., 2014; SILVA, R. F., 2015; VILLASENOR, R. L., 2013; VALLE, E., 2001, 2011a, 2011b; MARTINS, L. B., ZANGARI, W., e MACHADO, F. R., 2014.

³ Além dos autores já citados nas notas anteriores: MINOIS, G., 2013; BICKLE, J., 2009; MARTIN, M. 2006; ECKLUND, I. G., 2010; DUQUE, J. M., 2003; LENAERS, R., 2014; WALTERS, K., 2015.

Ao consultar alguns desses autores, o grupo de pesquisa constatou, quase de imediato, que o estudo sobre os ateísmos hodiernos é um campo minado repleto de “questões disputadas”, como diziam os filósofos medievais, questões essas que continuam vivas também na moderna Filosofia da Mente (cf. RYLE, P., 1949; DENNETT, D. e CHURCHLAND, P., 2007; TEIXEIRA, J. de F., 2012). Ao invés de certa clareza teórica e metodológica, o que predomina nos estudos é a pluralidade de posições estanques, o que, aliás, não chega a surpreender, uma vez que estão em jogo duas questões absolutamente fundamentais: a da fé religiosa e a da existência ou não de Deus. Há, por essa razão, que se ter presente que todos os que se debruçam sobre o tema dos ateísmos contemporâneos o fazem inseridos em um contexto cultural, e suas considerações devem ser compreendidas em seu sentido epistemológico, dentro de um quadro científico mais amplo (BARBOUR, 2004).

O que predomina no atual cenário são as polêmicas e debates. Eles são, sobremaneira, acesos e complexos nos Estados Unidos e na Europa, mas se fazem sentir também no Brasil (cf. FERREIRA, 2015; QUEIROZ, 2006; OLIVEIRA e ALMEIDA, 2002; ROCHA, 2014). Nesse contexto, para esclarecer tal quadro, vale lembrar alguns autores. Um é o teólogo e filósofo português João Manuel Duque, que, em sua obra *Dizer Deus na pós-modernidade* (2003), resenha com conhecimento de causa os teólogos e filósofos que tentam repensar o discurso sobre Deus (tarefa dos *Teo-logoi*) no contexto de uma hermenêutica filosófica que encare criticamente e a sério o contexto impropriamente denominado “pós-moderno”. São pensadores que, conhecendo o Cristianismo, percebem o desafio das chamadas “religiões não teístas” desde uma perspectiva semelhante à de autores como Alain de Botton (2011) e pensadores como Marcel Gauchet, Luc Ferry e A. Comte-Sponville (cf. SPONVILLE e FERRY, 2000). Na Itália e na Espanha, esse pensamento se encontra exposto no *Cristianismo não religioso*, de Gianni Vattimo (2001), e na Espanha ele é bem representado por Marià Corbi (2007). Na Alemanha, muitos

teólogos se perguntam se tal evolução representa “uma maldição ou uma bênção” para a Teologia cristã (STRIET, 2008).

Entre essas várias possibilidades de encaminhamento, o grupo chegou à conclusão de que seria mais apropriado a seus objetivos e aos interesses do leitor brasileiro tomar como referência a discussão francesa, cuja influência no campo da Filosofia da Cultura é, entre nós, ainda forte. Toda a segunda parte deste livro se concentra nessa perspectiva, ficando a apresentação dos demais estudiosos da irreligiosidade pós-moderna para uma ulterior fase de estudos do grupo.

Um outro fator pesou muito na especificação concreta da perspectiva adotada, qual seja, o suscitado pelas Neurociências Cognitivas (TEIXEIRA, 1998). Ao compulsar introduções à Psicologia da Religião anteriores a 1970, é fácil constatar que até aquela data, aproximadamente, as teorias eram devedoras sobretudo às Psicanálises, às Psicologias da Personalidade e ao Cognitivismo Piagetiano, além, é claro, à Filosofia e à própria Teologia. A Neuropsicologia constava do currículo básico de qualquer curso de Psicologia, mas seu uso efetivo era um tanto cosmético. Após os anos 1990, porém, o neodarwinismo passou a ser dominante nos grandes centros de pesquisa em genética, bioquímica e neurociências. Dessas ciências de base, surgiram abordagens inéditas na Paleontologia aplicada à Psicoantropologia (BOYER, 2001), nas Ciências Cognitivas (FIORI, 2009), na Filosofia da Mente (TEIXEIRA, 2008, 2012) e, de maneira muito especial, na Psicologia Evolucionária (OTTA e YAMAMOTO, 2009; MASSIH, 2013). São desenvolvimentos que não tardaram a ter efeito direto na Psicologia da Religião. Um caso exemplar é o de A. Lee Kirkpatrick (2005), que busca uma revisão radical de sua conhecida teoria do “apego dos bebês às suas mães revista desde um paradigma que integra sistematicamente o neodarwinismo à velha teoria do *attachment*”, de J. Bowlby (2002).

Assim, o cenário da eterna discussão entre teístas *versus* ateístas migra aos poucos dos paradigmas iluministas e positivistas do século XVIII para outros, do século XIX, centrados nas classes

sociais do capitalismo (K. Marx) e nas visões filosófico-culturais bem representadas por pensadores como F. Nietzsche, J. P. Sartre e nos existencialistas e desconstrucionistas franceses que se seguiram. No cenário mais recente da passagem de século, surgem *best-sellers* neodarwinistas que se valem sobretudo das ciências biológicas como justificativa para suas posições radicalmente ateias. Dois exemplos significativos são o biólogo Richard Dawkins e o filósofo da mente Daniel Dennett (cf. MITTELSTAEDT e VALLE, cap. II deste volume). Se neles algo de “novo” existe, é essa fundamentação radicalmente biologista que em sua opinião deve ser buscada somente nas leis da natureza que constituem a única base segura para a explicação das relações entre cérebro, mente e consciência e, em consequência, também para a filogênese e a ontogênese dos humanos (GAZZANIGA e HEATHERTON, 2005).

Se esse é hoje o estado da arte, o grupo de pesquisa tomou consciência de que o mais conveniente, nessa quarta fase de suas pesquisas, era pôr-se criticamente a par dos câmbios que se estão verificando nos estudos científicos da religião e já se fizeram presentes também na Psicologia da Religião.

Há um ulterior motivo para focar os chamados neoateísmos. É a movimentação que se está dando no campo religioso brasileiro e, também, como ela se espelha nos dois últimos recenseamentos nacionais organizados pelo IBGE, nos anos de 2000 e 2010 (cf. TEIXEIRA e MENEZES, 2013). Esses resultados foram um ulterior estímulo para a decisão do grupo de tomar o estudo das *irreligiosidades contemporâneas* como objeto principal de sua pesquisa. A análise comparativa desses recenseamentos evidenciou duas tendências principais, aparentemente contraditórias, na mobilidade hoje existente no campo religioso brasileiro. De um lado, como já previam os sociólogos da religião, houve um aumento notável das igrejas pentecostais e neopentecostais, cujo crescimento atingiu entre os dois censos a notável cifra de 17 milhões de conversões. De outro lado – e aí se percebe uma tendência quase oposta – tiveram

acentuado incremento os grupos dos “sem religião” e dos “ateus e agnósticos”. Os primeiros eram, em 2010, cerca de 15,3 milhões, ou seja, um pouco mais do que 8,15% do total da população brasileira. O grupo dos agnósticos e ateus era bem menor, perfazendo, respectivamente, 124 mil (0,075%) e 615 mil (0,32%) pessoas. Esses dois últimos grupos são estatisticamente pouco significativos, mas não o são como tendência presente também em outras sociedades pós-tradicionais, que o sociólogo Flávio Pierucci assim descreve:

(Nelas) os indivíduos tendem a se desencaxar de seus antigos laços (...). Desencadeia-se nelas um processo de desfiliação em que pertencas sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiões, tornam-se opcionais, e, mais que isso, revisáveis, e os vínculos, quase só experimentais, de baixa consistência. Sofrem, fatalmente, com isso, claro, as religiões tradicionais.

Na literatura sobre os deslocamentos do campo religioso brasileiro já existe um bom número de estudos sociológicos, psicológicos e antropológicos a respeito dos pentecostais e neopentecostais. Não se pode dizer o mesmo sobre o que acontece com os milhões de brasileiros que nesse curto espaço de dez anos se distanciaram das religiões históricas e passaram a se autodefinir como “sem” religião, agnósticos ou ateus. Do ponto de vista psicossocial, é pouco o que se sabe sobre esses últimos. Pode-se dizer com Valle (2015, p. 77) que, mais que uma mera reação alienante às mudanças contínuas que atropelam os indivíduos e os grupos em sociedades massivas e plurais como as nossas, existem hoje “formas altamente reflexivas de vida” (HALL, 2005, p. 15) que dão ao sujeito condições para assumir em primeira pessoa sua própria identidade. Estudar esse aspecto cabe seguramente à Psicologia Social da Religião.

O objetivo imediato do presente volume é apenas o de fazer um estudo preliminar que capte e descreva aspectos fundamentais da crise de identidade vivenciada pelos que se declaram “sem religião”

e/ou “sem Deus”. Um estudo empírico⁴ que situe o problema propriamente psicossocial como os de Hutsebaut (1996) ou de Silver e outros (2014) ficará para uma outra fase.

Os capítulos do presente livro têm a finalidade de oferecer aos estudiosos da religião no Brasil uma visão de conjunto que facilite futuras pesquisas sobre as “novas” modalidades de não religiosidade que se estão configurando na atual sociedade e cultura brasileiras e mundial.

Levando em conta as reflexões antes elencadas, os capítulos deste volume foram divididos em duas partes maiores. Em ambas, o enfoque de fundo é o debate entre os autores que se posicionam ou pró ou contra a religião e, em consequência, pró ou contra a existência de Deus.

A primeira parte reúne quatro pesquisas sobre controvérsias que provêm diretamente das concepções e métodos usados nas ciências naturais quase exclusivamente fundamentadas em pressupostos neodarwinistas. São perspectivas preponderantes em países de língua inglesa. Elas se restringem mais a ambientes e periódicos científicos de ponta. Todavia, ela foi se disseminado aos poucos a outros segmentos da sociedade, graças, sobretudo, às redes sociais e à grande mídia (cf. VILLASENOR, 2013; RIBEIRO, 2013; SILVA, 2015; DE FRANCO, 2014).

Esta primeira parte começa com um capítulo mais geral, escrito pela psicóloga e cientista da religião Clarissa de Franco. Tal capítulo descerra as cortinas de um debate que tem muitas faces e muitos protagonistas, embora o nome de Richard Dawkins, que a autora conhece bem, ocupe nesse campo um lugar de destacada liderança. A seu lado (contra ou a favor) aparecem muitos outros nomes que merecem consideração por quem se interessa pelas relações entre

⁴ Os estudos empíricos das modalidades atuais de irreligiosidade abrangerão três diversos grupos de sujeitos: os propriamente agnósticos e ateus; os chamados “sem religião” e os que simpatizam com tais grupos devido à influência crescente das modernas redes virtuais de comunicação.

Psicologia Evolucionária, Neurociências e Religião. O objetivo do capítulo I é oferecer um cenário bastante completo dos principais autores norte-americanos citados em discussões sobre os ateísmos contemporâneos.

No capítulo II, a psicóloga e doutoranda em Ciência da Religião, Silvia Geresa Fernandes Rodrigues, aborda a rumorosa polêmica pública que envolveu dois professores da Universidade de Oxford, ambos biólogos. São eles: Alister McGrath e Richard Dawkins. As polêmicas escritas e as discussões face a face por eles protagonizadas ocorreram dentro do melhor estilo acadêmico inglês. Tinham como ponto central precisamente a base biológica da tese da existência ou não existência de Deus. A autora menciona também outros tópicos sobre os quais se apoia a radical defesa do neoateísmo assumida por Dawkins como sendo uma exigência irrecusável das evidências trazidas à luz pelas Ciências Biológicas. Entre esses tópicos estão o da explicação das religiões como epifenômeno do processo natural de seleção, a crença em Deus como um mero delírio e a rejeição a qualquer tipo de crença no sobrenatural. O *Desenho inteligente* é um outro aspecto bombardeado por Dawkins e, por outro lado, até certo ponto considerado hipoteticamente por Alister McGrath, que se contrapõe a cada uma das afirmações de seu colega de Oxford. O que ele tenta demonstrar, partindo de seus conhecimentos de Biologia, é que os argumentos de Dawkins contra as religiões não são tão objetivos e apodíticos como ele alardeia em obras como *Deus: um delírio* (DAWKINS, 2007).

O capítulo III é escrito por dois autores: Wojciech Mittelstaedt e Edenio Valle, ambos psicólogos da religião. Eles escolheram como tema de suas considerações um dos debates mais famosos dos últimos tempos, travado entre dois filósofos da mente, ambos estado-unidenses: Daniel Dennett e John Searle. A polêmica teve especial repercussão pelo fato de ter como primeiro palco a conhecida *The New York Book Review*, o que lhe garantiu uma audiência sem precedentes para uma disputa que em princípio era acadêmica